

A MULTIVETORIZAÇÃO DO CAMINHAR NA ARQUITETURA

Jamileh Oshio Alawi (IC) e Igor Guatelli (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O ato de caminhar pode ser uma experiência habitual, banal e inconsciente, mas também um processo de reencantamento e desalienação do corpo. Baseado em origem e destino, é considerado um ato funcional e utilitário; no entanto, é uma ação que, por si só, também assume protagonismo. A organização dos espaços com seus sistemas de circulação, implementados de diferentes formas, em edifícios pode nos ajudar a repensar e reavaliar a importância dessa ação em crise, que na modernidade sobrevaloriza a otimização do tempo, o objetivo, a eficiência, a finalidade, o tempo útil e o fim da ação, desvalorizando a importância do lúdico, do andar a esmo, do andar à toa e do ócio, enfim, da deriva.

Dentro desse cenário, o que pode tornar o caminhar uma experiência tátil e ótica incomum do corpo no espaço? Certas organizações internas de percursos e espaços sugerem que o caminhar pode ser a principal ação a ser realizada para que os valores de espaço e dos conteúdos ali presentes possam ser reinventados. A experiência do caminhar deve fortalecer o revigoramento do corpo não como produto histórico, cultural, codificado por lógicas que o assujeitam a rotinas, mas como vetor de pequenos atos que emancipam. O caminhar é um meio para a ressensibilização do corpo e da mente, que permite uma nova percepção e interação com o ambiente que o cerca, abrindo espaço e criando oportunidades para experiências mais profundas e significativas de cada indivíduo com o meio que permeia.

Palavras-chave: caminhar, reencantamento, deriva.

ABSTRACT

The act of walking can be a routine, banal, and unconscious experience, it can also be a process of re-enchantment and de-alienation of the body. Based on a starting point and a destination, it is considered by most a functional and utilitarian act; however,

it is an action that, by itself, also assumes protagonism. The arrangement of space and circulations, implemented in various forms, in some buildings can help us rethink and reassess how important this action, in crisis, actually is, which in the modern world overemphasizes time optimization, goals, efficiency, purpose, useful time, and the end of the action, diminishing the value attributed to aimlessly wandering, to leisure, and at last, drifting. Within this scenario, what can make walking an unusual tactile and visual experience of the body in space? Certain internal arrangements of courses and spaces suggest that walking can be the main action to reinvent the values of space and the contents present there. The experience of walking should enhance the revitalization of the body not as a historical, cultural product, codified by logics that subject it to routines, but as a vector of small acts that emancipate. Walking is a way for the resensitization of the body and mind, allowing new perceptions and interactions with the surrounding environment, creating space and opportunities for deeper and more meaningful experiences of each individual with the environment that they permeate.

Keywords: Walking, re-enchantment, drifting.

1. INTRODUÇÃO

Caminhar é um hábito ancestral, desenvolvido nos primeiros meses de vida, passa rapidamente de uma ação consciente para uma ação natural, automática. A característica intrínseca à experiência humana, permitiu que as mais diversas civilizações ao redor do mundo fossem moldadas, definindo culturas e refletindo a evolução da sociedade ao longo dos séculos, dos primeiros passos dos nossos ancestrais, até os avanços tecnológicos contemporâneos; a história do caminhar é um relato fascinante de inovação, descoberta e conexão com o mundo.

Posteriormente, com o surgimento de civilizações mais complexas, o caminhar passou a ser mais do que uma jornada individual, tornando-se um pilar vital de sustentação do tecido social em escala mundial, cumprindo um papel crucial no desenvolvimento de sistemas de transporte e locomoção. A Revolução Industrial trouxe consigo mudanças ainda mais profundas nos meios de mobilidade, com o surgimento de ferrovias e veículos motorizados as distâncias foram radicalmente alteradas, assim como os ritmos de deslocamento. O caminhar, embora continuasse a ser uma parte essencial da vida cotidiana, sofreu forte enfraquecimento em decorrência da rápida evolução das máquinas.

No entanto, nota-se de algumas décadas para cá, em virtude dos avanços tecnológicos aliados a uma busca por conforto, um retraimento do caminhar como ação voluntária, inútil, como deriva, como vontade de contemplar, como dispêndio, características que tornam a atividade fundamental para o pensamento e a saúde mental. Essa inércia do corpo, agravada pelo aprimoramento tecnológico, pelas incertezas quanto à segurança do espaço público, pela necessidade de otimização do tempo e do cumprimento das solicitações diárias, agravada pela pandemia, levou o mundo a uma acentuação da introversão, da interiorização e da acomodação do corpo, que parece um caminho quase sem volta. A prática estética do corpo quase reduz-se hoje às atividades obrigatórias, utilitárias; a *flânerie* como prática contemplativa passou a ser quase inexistente, já que o ato de caminhar passou a ser visto novamente como um instrumento de necessidade, ligado ao objetivo de chegar a algum lugar na menor

distância e tempo possíveis, e não de prazer. Seria a arquitetura capaz de contribuir para um reencantamento do corpo através de uma *flânerie* desinteressada?

Na *flânerie* contemplativa, o foco é voltado para o corpo e as sensações físicas experimentadas ao movimentar-se por um espaço e, ao caminhar pela cidade, é possível perceber como a arquitetura que nos rodeia afeta os nossos sentidos de diferentes formas. Por meio dessa inabitual *promenade arquitetural* podemos nos tornar mais conscientes de nossa presença no espaço e da maneira como nos relacionamos com o que nos envolve. Experimentar o espaço através do caminhar pode nos provocar e possibilitar outros afetos, outras percepções; o olhar pode ser estimulado por outras maneiras de caminhar, um caminhar estranhado, não dado, multivetorial, labiríntico e direto ao mesmo tempo.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Nos primórdios da humanidade, quando ainda éramos nômades, caminhar era mais do que um meio de locomoção, era a essência da vida, um elo entre o homem e o ambiente em que vivia. O homem, por depender exclusivamente dos seus próprios passos para buscar meios de se alimentar, de se abrigar e explorar novas terras, veio a transformar o ato em mais do que uma necessidade prática, mas também em uma atividade central de expressão da liberdade e curiosidade, que passou a moldar o ritmo da existência e do crescimento humano, enquanto também estabelecia uma profunda conexão com a vastidão da natureza do meio em que vivia.

Partindo da análise da obra de Francesco Careri, “Walkscapes, o caminhar como prática estética”, para o nomadismo, o percurso era apenas uma simbologia, que se desenrolou a partir da vida em comunidade. O mapa nômade era baseado na experiência do caminhar, demarcado somente por elementos como lugares sagrados, terrenos de pastoreio, oásis e até mesmo poços, que de forma subliminar demonstravam que os caminhos eram traçados apenas pela presença humana, de forma flexível e aleatória, deixando de existir com o esvair das pegadas deixadas ali. Já os sedentários, tinham estes espaços nômades como vazios, e a partir destes “vazios” que os primeiros registros de mapas surgiram, exatamente pelas sutis intervenções físicas que se deram para conectar estes pontos.

Um dos primeiros mapas existentes gravado em uma rocha em Val Camonica, como mostra a imagem, fornecida pela obra, permite a compreensão de que os

percursos passaram a ser traçados a partir da disposição objetos simples, como escadas, cabanas e palafitas, que conectados por simples linhas, formavam estes diagramas.

Imagem 1: Gravura rupestre, Bedolina, Val Camonica, cerca de 10.000 a.C.



Fonte: Francesco Careri - *Walkscapes, o caminhar como prática estética*, 2015.

O percurso definia os espaços e criava raízes para que as atividades da época pudessem ser desenvolvidas e, de forma sutil, essa construção de lugares passou a estabelecer lentamente a relação entre nomadismo e arquitetura. A primeira intervenção física, e de transformação da paisagem conhecida ao homem sendo os menires, que não passavam de grandes rochas fixadas em determinados pontos para auxiliar na orientação, consequentemente elaborando percursos, e quando agrupadas também delimitavam espaços, como mostra a imagem 2.

A fluidez dos espaços e traçados de caminhos se tornou cada vez menor, até que essas definições se tornassem consistentes, e consequentemente, os ambientes mais sólidos e assentados.

Imagem 2: Cromeleque dos Almendres em Évora, Portugal.



Fonte: Paula Moura Pinheiro - *Pedras que são Menires que são Monumentos*, 2021. <<https://ensina.rtp.pt/artigo/pedras-que-sao-menires-que-sao-monumentos.>>

Posteriormente, com o surgimento de civilizações mais complexas, ainda conforme Careri, o caminhar passou a ser mais do que uma jornada individual, mas um pilar vital de sustentação do tecido social desempenhando um papel crucial no desenvolvimento de sistemas de transporte. O caminhar, embora continuasse a ser uma parte essencial da vida cotidiana, enfrentou a concorrência crescente das máquinas.

Na contemporaneidade, à medida que avançamos na era tecnológica, houve uma revolução não apenas na forma como caminhamos, mas também na forma que experimentamos e vivenciamos o mundo. A ascensão dos dispositivos eletrônicos, embora ofereça inúmeras comodidades e avanços, nos desafia a manter uma conexão íntima com nossos corpos, trazendo o desafio de equilibrar a inovação tecnológica com a preservação da essência humana. A realidade virtual e a realidade aumentada, podendo ser completamente imersivas em alguns casos, contribuem para um afastamento gradual da experiência tangível e visceral do movimento, causando uma intensa mudança na forma que nos relacionamos com os nossos corpos, nos fazendo testemunhar um fenômeno sutil, mas de grande significância, o desencantamento do corpo.

Acompanhando de perto as reflexões de Byung-Chul Han em “Sociedade do cansaço”, é possível afirmar que atenção dividida entre o mundo digital e o real resulta em uma perda da riqueza sensorial que o corpo humano é capaz de experimentar, o corpo é submetido a novas formas de pressão e sedentarismo devido ao estilo de vida moderno. O trabalho em frente a telas por longas horas e a dependência de meios de transporte motorizados alteraram a maneira como usamos nossos corpos, levando a uma desconexão ainda maior entre o corpo e suas capacidades naturais, no entanto, reconhecer esse desencantamento é o primeiro passo para um reequilíbrio. É imperativo encontrar maneiras de integrar a tecnologia em nossas vidas de maneira que preserve e aprimore a experiência do físico.

Através da obra é possível afirmar que, o sedentarismo não nos afeta apenas individualmente, mas também a relação que cultivamos com a cidade, e desse modo o caminhar arquitetônico, que se refere a forma que as pessoas se movimentam no espaço urbano e interação com os ambientes que frequentam. Há um relaxamento, uma “preguiça”, que leva a essa inércia corporal fazendo com que, a partir de um enclausuramento e interiorização da vida pública e do indivíduo, a vontade de uma *flânerie* desinteressada seja enfraquecida por uma acomodação quase “natural” possibilitada pelas tecnologias, levando à inércia corporal. O mundo atual, por um lado, se movimenta cada vez menos ou, ao contrário, muito, mas de forma calculada, diminuindo as chances de interações fortuitas, inesperadas entre pessoas ou com o meio em que vivem. Essa automatização do deslocamento torna os espaços cada vez menos vibrantes e interativos, a contemplação inexistente ou é evocada e seduzida por algo, pelo lugar, pelo objeto.

A partir disso, podemos dizer que surge uma necessidade de ativar novamente o corpo a partir de um caminhar a esmo e provocativo, que instigue o corpo e a mente, reativando o prazer pela contemplação e pelo caminhar como singular prática estética. Han nos convida a descobrir novas formas de andar, necessariamente lento, esse andar não rotineiro ou banalizado pode se tornar uma experiência estética profunda se vivenciado como permanências incomuns no espaço. Conforme Han:

“Quem se entedia no andar e não tolera estar entediado ficará andando a esmo inquieto, irá se debater ou se afundará nesta ou naquela atividade. Mas quem é tolerante com tédio, depois de um tempo irá reconhecer que possivelmente é o próprio andar que o entedia. Assim, ele será impulsionado

a procurar um movimento totalmente novo. O correr ou cavalgar não é um modo de andar novo. É um andar acelerado.” (HAN, 2022, p.34-35)

O retraimento do caminhar como ação voluntária, como dispêndio, torna fundamental se pensar o andar a partir de novas solicitações do corpo. Hoje, o nomadismo deve ser retomado de alguma forma, através de um reencantamento que vai além do cumprimento de atividades básicas e das ações utilitárias, mas baseado no deleite de caminhar, estimulado a sair de um deslocamento habitual, mecânico ou até mesmo automático. E é aí que a arquitetura se faz presente, contribuindo para a reativação do corpo através de uma *flânerie* desinteressada e contemplativa e, experimental; o caminhar como fonte de outras experiências do corpo, sujeito a outras tensões, visadas, perspectivas.

Na *flânerie* contemplativa, o foco é voltado para o corpo e as sensações físicas que são experimentadas ao percorrer um espaço e ao caminhar pela cidade, e a partir disso se torna possível perceber como a arquitetura que nos rodeia afeta os nossos sentidos de diferentes formas. É por meio dessa *promenade arquitetural*, que podemos nos tornar mais conscientes do nosso corpo e da maneira que ele se relaciona com o entorno através do passeio, que pode nos levar a experimentar o espaço de forma mais lenta e cautelosa, pelo simples prazer de usufruir de todas as sensações que apenas o caminhar pode proporcionar. Um caminhar que provoca e possibilita outros afetos, outras percepções; o olhar pode ser estimulado por outras maneiras de caminhar, um caminhar mais desafiador, não óbvio, labiríntico e direto ao mesmo tempo.

É importante reconhecer a relevância da elaboração de uma circulação dentro do contexto arquitetônico, produzindo um caminhar multivetorial, e o impacto gerado por esse deslocamento e pela presença de diferentes fluxos ao longo da *promenade arquitetural*, termo apresentado por Le Corbusier, traduzido como passeio arquitetônico, que nada mais é do que essa experiência estética de percepção dos diferentes espaços concebidos dentro de um projeto, tal experiência guiada pelo caminhar. Para entender a forma que isso se aplica, o ponto de partida é a Villa Savoye.

Imagem 3: a Villa Savoye por Le Corbusier.

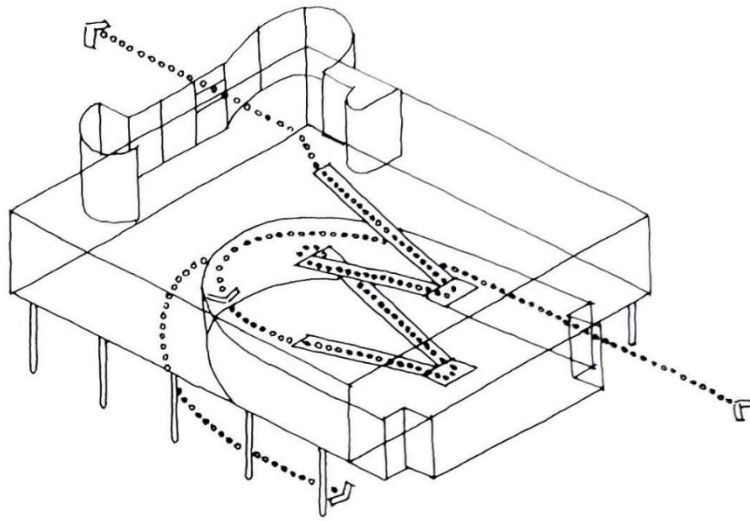


Fonte: Andrew Kroll. *Architecture Classics: Villa Savoye / Le Corbusier*, 27 Oct 2010. ArchDaily. <<https://www.archdaily.com/84524/ad-classics-villa-savoye-le-corbusier>>

Levando em consideração a deambulação na arquitetura e suas variações, é possível afirmar que o projeto é a materialização do conceito de *promenade architecturale*, aplicado por Le Corbusier. Em colaboração com o engenheiro Pierre Jeanneret, primo do arquiteto, foi construída em 1929 na pequena cidade de Poissy, localizada na região noroeste de Paris, sua finalidade era ser uma residência de final de semana para uma família parisiense de três integrantes. Ao analisar a estrutura fica evidente que a o principal fundamento para o funcionamento das atividades internas é a circulação.

A solução de circulação objetiva obtida pelo arquiteto, oferece uma contemplação prolongada da forma elevada proposta como geometria do projeto. O principal elemento é rampa, sugerindo uma trajetória que se inicia no primeiro nível e passa por todos os pavimentos, permitindo que a extensão da casa seja explorada por completo, através de uma fruição que apresenta o desdobramento perfeito do conceito de passeio arquitetural.

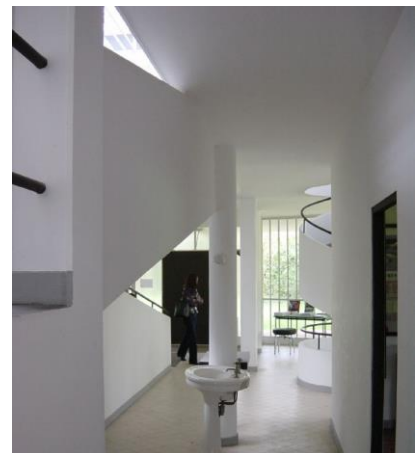
Imagem 4: Continuidade dinâmica do percurso.



Fonte: Geoffrey Baker - *Le Corbusier: Uma análise da forma*, 2021.

A presença da escada helicoidal contribui com complexibilidade ao percurso, trazendo uma segunda opção de caminho a ser percorrido, e assim propondo outros estímulos a experiência, que termina na cobertura, onde se encontra um espaço destinado a contemplação e a conexão com a natureza.

Imagens 5 e 6: Fotografias internas da Villa Savoye, que demonstram diferentes ambientes em que a circulação se faz presente.

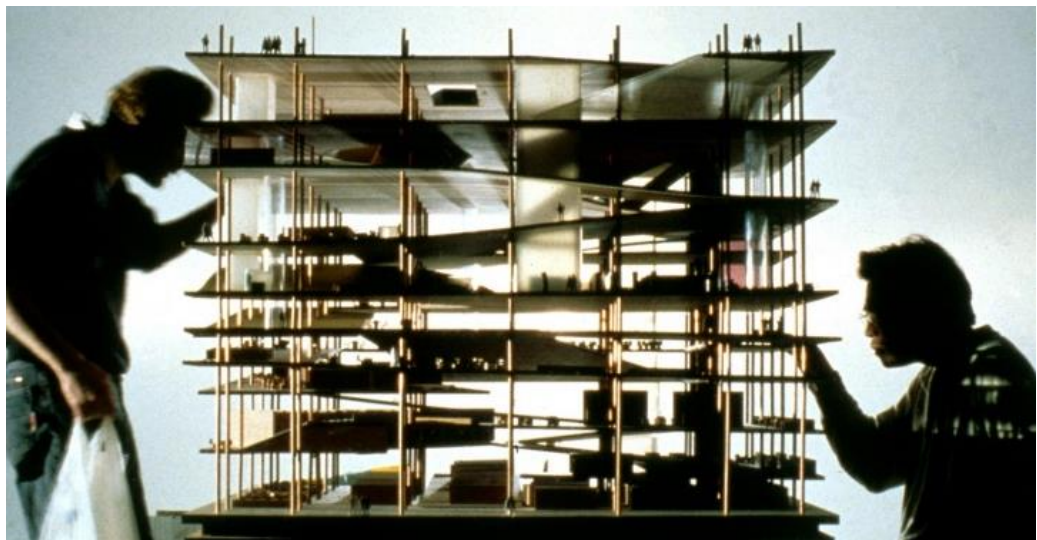


Fonte: Andrew Kroll - *Architecture Classics: Villa Savoye / Le Corbusier*, 27 Oct 2010. ArchDaily. <<https://www.archdaily.com/84524/ad-classics-villa-savoye-le-corbusier>>

Le Corbusier definia a casa como “uma máquina de morar” e por expressar uma linha projetual sólida, inovadora, futurista e objetiva, é a maior influência dentro do contexto arquitetônico no século XX. O livro “Inquietação teórica e estratégia projetual” de Rafael Moneo aborda de forma abrangente vários arquitetos influentes do período, explicitando suas concepções e as estratégias que cada um adotava ao longo do processo de elaboração de seus projetos. Porém, o arquiteto que melhor complementa e permite a compreensão dessa arquitetura voltada à *flânerie* e ao caminhar como insólitas experiências no espaço é Rem Koolhaas.

O autor mostra a linha de pensamento seguida pelo arquiteto para projetar, revelando o impacto e a influência que Le Corbusier teve em sua carreira. Os usuários que viriam a usufruir de suas obras eram sempre levados em conta quando as projetava, preocupado em proporcionar experiências, sensações e sentimentos em quem viria a frequentar ou viver em suas edificações. Essa característica fica explícita na proposta vencedora para o concurso da biblioteca de *Jussieu* em Paris, no ano de 1992. O arquiteto, que visava uma arquitetura voltada ao cidadão metropolitano, modifica de forma extraordinária o conceito tradicional de uma biblioteca, elaborando um percurso que instiga a exploração e à deriva, ao mesmo tempo que convida quem o permeia a permanência.

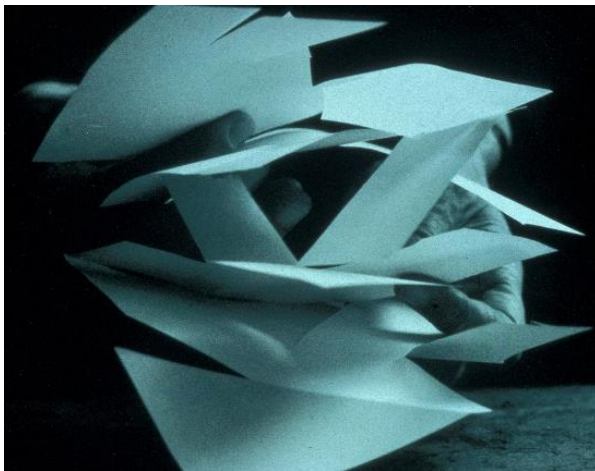
Imagem 7: Foto por Hans Werlemann, maquete de estudo projetual da proposta elaborada para as Bibliotecas de *Jussieu*.



Fonte: Oma Office Work - *Jussieu – Two Libraries*, 1992.

As edificações de Koolhaas são instrumentos de grande relevância para analisar a forma que um percurso dentro de um edifício impacta nos sentidos humanos, já que esse é, predominantemente, o elemento de mais relevância em suas obras. Um dos objetivos é proporcionar uma experiência envolvente e dinâmica a todos os usuários da edificação, essencialmente através da criação de percursos multivetoriais e estimulantes, que se desenrolam através da sobreposição atípica dos níveis, como ressalta ele mesmo em sua obra S,M,L,XL:

“Ao invés de uma simples sobreposição de pisos, secções de cada nível são manipuladas para se encontrar com aqueles acima e abaixo; todos os planos são conectados por uma única trajetória, uma avenida interior deformada que expõe e relaciona todos os elementos programáticos. O visitante se torna em um *Baudelairean fâneur*, inspecionando e sendo seduzido por um universo de livros e informações – pelo cenário urbano.”
(KOOLHAAS, 1998, p. 1318 - 1325)



Imagens 8 e 9: Fotos de maquetes de estudo projetual, *Jussieu – Two Libraries*,

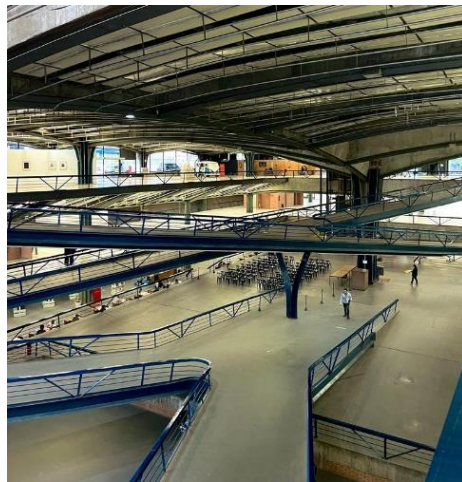
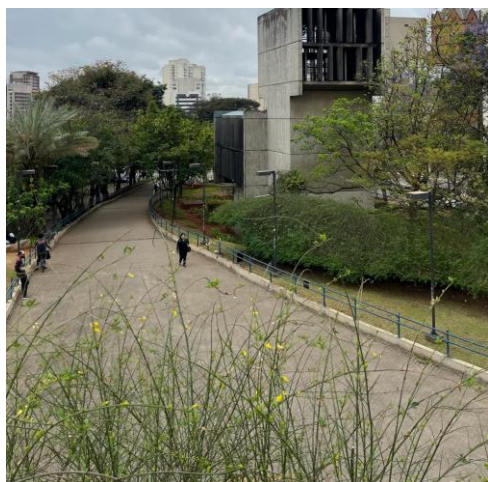
É a partir dessa circulação, que integra todos os pavimentos de forma única, que os elementos específicos de uma biblioteca tradicional são redefinidos de forma atípica em uma perspectiva que une o edifício a cidade em uma escala urbana. Ao distribuir os usos ao longo deste “*boulevard*”, o autor deixa clara a intenção de fazer com que as pessoas sejam instigadas a explorar toda a extensão do edifício através de um caminhar curioso e estranhado.

Já no contexto nacional, o edifício que melhor representa essa inserção natural no meio urbano é o Centro Cultural São Paulo. A edificação inserida no coração da cidade, se integra perfeitamente a paisagem devido a sua horizontalidade volumétrica, escondendo a sua grandiosidade interior.



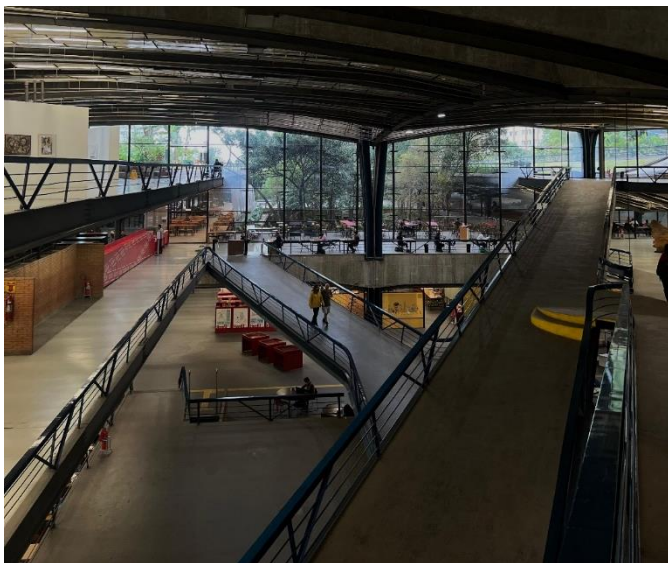
Imagem 10: Google Earth.

Devido a sua localização estratégica o edifício é um significativo ponto de encontros (de pessoas com pessoas e de pessoas com conhecimento e arte) para as mais diversas camadas sociais, objetivo que foi concretizado com êxito devido a criação de um espaço público que abraça as pessoas. A presença de uma estação de metrô próxima a uma de suas principais entradas, é um convite de acesso para toda a população, que se estende para as áreas internas do edifício através da circulação proposta, que convida seus visitantes a explorarem, através de um caminhar livre e a esmo, toda a sua extensão estrutural a partir da elaboração de percursos fluidos e contínuos.



Imagens 11 e 12: Fotos autorais.

As extensas rampas se sobrepõem e se conectam, complementadas por elevadores e escadas internas e externas tendo como eixo principal o longitudinal e as circulações secundárias nas transversais. Através da conexão dos seus longos pavimentos, que se conectam verticalmente pelos diversos tipos de circulação presentes, a verticalidade é atribuída ao projeto de forma multivetorial, através de uma complexidade metafórica.



Imagens 13 e 14: Fotos autorais.

Fica clara a intenção dos arquitetos em proporcionar uma boa infraestrutura ao público que visita e frequenta o edifício, visto o impacto disso na criação dos fluxos que além de cumprirem com o papel de conectar, também estimulam a permanência. Como por exemplo a extensa cobertura verde, que é um convite a interação e a delonga, um espaço que complementa os percursos traçados ao longo do projeto e integra o edifício com os elementos naturais propostos e pré-existentes no entorno.

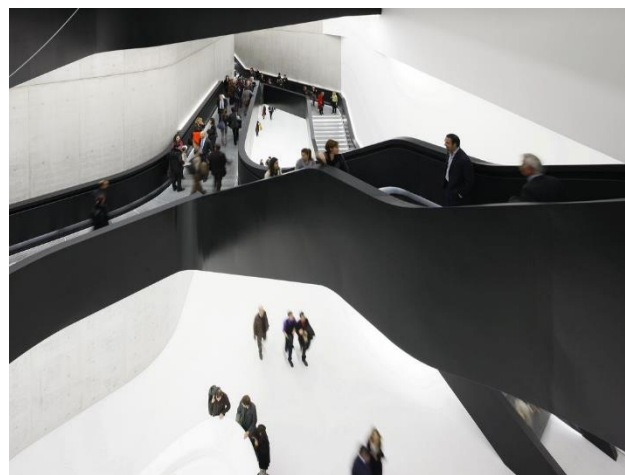
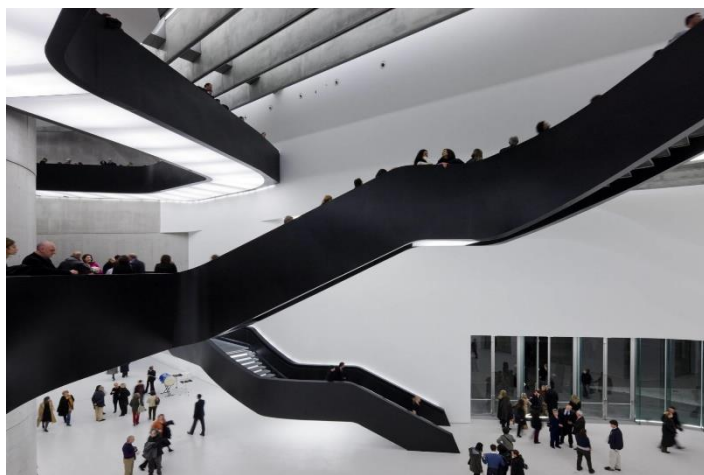
Um ótimo elemento a ser analisado levando em consideração o caminhar de forma aplicada na arquitetura, é o **MAXXI Museum de Zaha Hadid**, construído em Roma, na Itália, o museu de arte contemporânea é moldado por traços característicos de sua autora, destacando-se por suas formas curvas e assimétricas, que ao se entrelaçarem, compõem uma única entidade.



Imagem 15: Fotos Ian Baan, publicada em <https://arquitecturaviva.com/works/maxxi-museum-of-the-arts-of-the-21st-century>.

A construção complementa as pré-existências do entorno, com um encaixe orgânico no tecido urbano, e assim como o CCSP, é um convite a exploração interna. Como mencionado por Igor Guatelli em *O MAXXI e o delírio de Zaha Hadid em Roma*:

Acolhido, o museu também parece acolher o estranho que adentra. Um espaço interno capilarizado, fluido, contínuo, sobretudo na vertical, sugere ao visitante transposições contínuas, uma deriva constante por locais apenas sulcados, não fronteiros, não precisamente delimitados. Parece não haver dentro e fora, interno e externo no espaço do museu; há uma topografia artificial composta de sulcos que envolvem o transeunte em um de-lirante passeio.” (GUATELLI, Igor, *O MAXXI e o delírio de Zaha Hadid em Roma*).



Imagens 16 e 17: Fotos <https://www.zaha-hadid.com/architecture/maxxi/>

A organização posposta distribui as densidades a partir dos cursos ali presentes, a materialização dos fluxos começa na construção do volume, composta de formas sinuosas, refletindo em espaços interiores complexos tanto em termos estruturais como funcionais, que são explorados através de passarelas e escadas que potencializam o estímulo a descoberta, ao passeio, como reforça Guatelli:

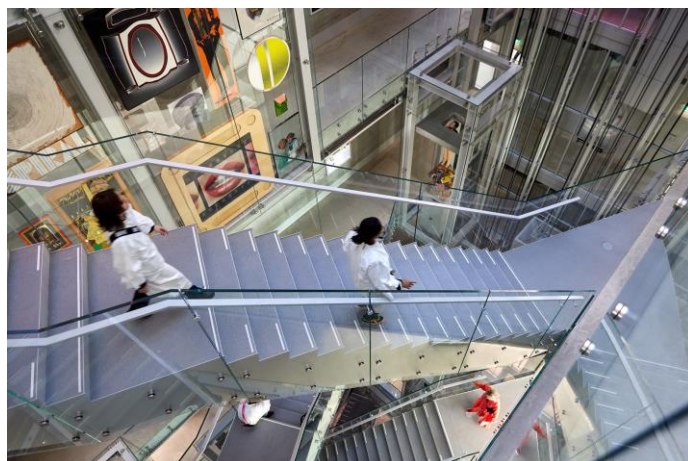
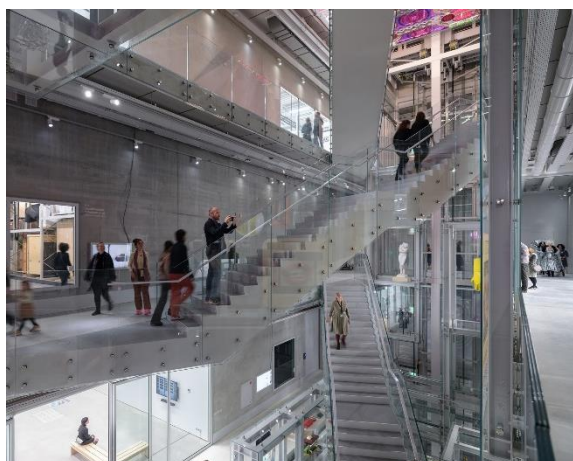
“Transitar pelo museu, pelos “intermezzos” do museu, torna-se uma experiência estética profunda, não apenas visual. Como na obra “quadros de uma exposição”, do compositor russo Modest Mussorgsky, a força está nos momentos de “promenade.” (GUATELLI, Igor, O MAXXI e o delírio de Zaha Hadid em Roma).

Para finalizar a análise sobre o impacto da multivetorização de percursos em uma circulação, o edifício projetado pelo escritório MVRDV em Rotterdam, na Holanda, possui um sistema de circulação que se aplica perfeitamente ao contexto. O projeto do escritório holandês contém cerca de 151.000 obras de arte armazenadas nos diversos depósitos distribuídos por toda a estrutura, sendo o primeiro depósito de arte completamente acessível ao público do mundo.



Imagem 18: Fotos <https://www.mvrdv.com/projects/10/depot-boijmans-van-beuningen?photo=20916>

O edifício foi projetado com a intenção de ser o mais convidativo possível, com espaços onde os mais diversos grupos de amantes de arte se sintam acolhidos, incentivando a exploração e a descoberta de forma simultânea. A interação dos visitantes com todo o acervo o objetivo central do projeto, ocorrendo através da circulação interna por meio das extensas escadarias em zigue-zague, que convidam a percorrer de forma lúdica toda a extensão oferecida.

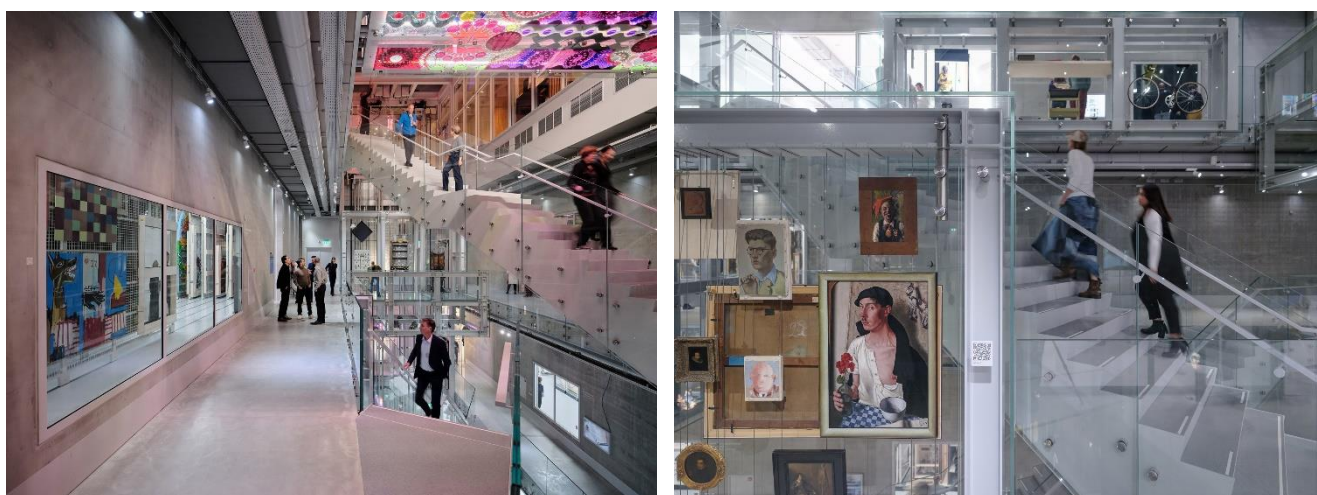


<https://www.mvrdv.com/projects/10/depot-boijmans-van-beuningen>

Através do corte é possível visualizar todos os fluxos gerados, conectando todos os níveis, onde os visitantes são apresentados com vistas panorâmicas do interior do edifício, rodeado pelas obras de arte, o que torna o trajeto em uma experiência estimulante e instigante, que termina apenas na cobertura, composta por um amplo jardim e um restaurante.



O projeto incorpora perfeitamente o conceito de *promenade* arquitetural, devido a forma que a circulação vertical proposta, proporciona a exploração e a descoberta de diferentes pontos de vista e acontecimentos no interior do edifício, permitindo a interação completa com os espaços.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das obras estudadas, o trabalho objetivou a discussão sobre a possibilidade de um descondicionamento do corpo, a partir de algumas estratégias trazidas pela arquitetura. O fato de que somos condicionados a levar uma vida produtiva e utilitária, baseada em completar tarefas sem nem mesmo experimentar e apreciar o intervalo entre o começo e o fim é o ponto de partida para explicitar o fato de que temos o direito a descoberta e a exploração, e não apenas a menor instância.

As arquiteturas analisadas são apontadas como elementos para estender a experiência do caminhar urbano, são antídotos a forma que levamos a vida na atualidade, com pressa e sempre motivados pelo início e a finalização das ações que praticamos. As estruturas são uma demonstração de que quando se visita um edifício, por qualquer motivo que seja, não é apenas a finalidade de estar ali que deve ser uma motivação, mas que a partir dos percursos traçados se torna possível o estímulo a contemplação e a descoberta, ações estas, que além de conectar as pessoas com o meio em que estão de forma mais potente, permitem também que se aproximem de si mesmas.

4. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Douglas. **O papel da caminhada na arquitetura e no urbanismo**. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, (PROPAR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RG – Brasil, 2016.

ARAÚJO, Caroline Cepeda Anseloni de. **Centro Cultural São Paulo: programa, projeto, apropriação**. 2019. 405 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

BAKER, Geoffrey. **Le Corbusier: Uma Análise da Forma**. São Paulo: WMF Martins Fontes - POD; 2ª edição (1 junho 2021).

BETSKY, Aaron. **Re-Imagining the Art Museum: MVRDV's Depot in Rotterdam**. ARCHITECT magazine or of The American Institute of Architects, 2022.

CAFÉ, Carlos. Álvaro Siza e Rem Koolhaas: **A transformação do lugar na arquitetura contemporânea**. Annablume Editora; 1ª edição (20 dezembro 2022).

CARERI, Francesco. **Walkscapes, o caminhar como prática estética**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.

GUATELLI, Igor. **O MAXXI e o delírio de Zaha Hadid em Roma**. Resenhas Online, São Paulo, ano 11, crítica 129.03, Vitruvius, setembro 2011.

GRANGEIRO JÚNIOR, Glaudemias; NOGUEIRA, João Lucas Vieira. **DERIVA URBANA: O CAMINHAR ENQUANTO UMA PRÁTICA ESTÉTICA**. Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC), [S.I.], v. 4, n. 1, feb. 2019.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

THOREAU, Henry David. **Andar a pé**. Domínio público.

HADID, Zaha. **Maxxi: Zaha Hadid Architects: Museum of XXI Century Arts: The National Museum of Twenty-First Century Arts**. Skira Rizzoli; 1ª edição (14 setembro 2010).

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JOBIM NAVARRO, Luciana. **Deambulações narrativas de Francesco Careri na construção estética do espaço**. Resenhas Online, São Paulo, ano 14, n. 161.03, Vitruvius, maio 2015.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S,M,L,XL**. New York: The Monacelli Press, 1998.

MACIEL, Carlos Alberto. **Villa Savoye: arquitetura e manifesto**. Arqitextos, São Paulo, ano 02, n. 024.07, Vitruvius, maio 2002.

MONEO, Rafael. **Inquietação Teórica e Estratégia Projetual**. São Paulo: Cosac & Naif, 2009.

MVRDV. **Depot Boijmans Van Beuningen, Rotterdam Sphere and Labyrinth**. 2023.

SCHIMITI, Weber. **Centro Cultural São Paulo. A arquitetura paulista depois do brutalismo**. Arqitextos, São Paulo, ano 20, n. 240.06, Vitruvius, maio 2023.

Contatos: jamileh.alawi@hotmail.com e igor.guatelli@mackenzie.br